

O ENSINO DE GRAMÁTICA: OUTRAS PERSPECTIVAS

Alexandre Leidens¹
Paulo Marçal Mescka²

RESUMO: Os maus resultados obtidos pelo ensino de gramática tradicional, baseado, principalmente, na gramática normativa, em aulas voltadas à mera identificação e classificação de palavras, abre a possibilidade para que novas perspectivas de ensino tomem uma amplitude maior. Nessa linha, o projeto de extensão “O Ensino de Gramática: muito além do conceito”, objetiva principalmente, trabalhar com professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental da rede pública estadual, analisando e propondo alternativas científicas adequadas ao ensino de gramática. Dessa forma, as aulas de Língua Portuguesa serão pautadas sob uma perspectiva analítico-reflexiva, saindo do convencional, em que o professor passa o conteúdo pronto, para serem utilizadas como estudo, análise e reflexão da língua a partir da observação de seu uso. Para isso, a análise e reflexão de aspectos do uso da língua farão com que o aluno, gradativamente, aumente suas possibilidades de domínio da mesma. Dessa forma, o ensino de gramática está comprometido com o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, objetivo principal das aulas de Língua Portuguesa. Salienta-se que, para a consecução dos objetivos propostos, foram realizados vários seminários de estudos com os professores atuantes na rede estadual de ensino, em que, primeiramente, se analisou o material didático disponível para o ensino de gramática. Após essa etapa, elaborou-se uma proposta didático-metodológica ao ensino de gramática. Essa proposta, posteriormente, foi publicada no Caderno Temático “Redação e Gramática: um novo fazer pedagógico”, e disponibilizada aos professores de Língua Portuguesa das escolas públicas estaduais de Erechim/RS e região.

Palavras-chave: Ensino de gramática. Análise. Reflexão.

ABSTRACT: The bad results obtained by the teaching of traditional grammar, mainly based on grammar normative, classes directed on the mere identification and classification of words, opens the possibility for new teaching perspectives to take a greater extent. Along this line, the extension project "Teaching Grammar: Beyond the concept," aims principally work with Portuguese Language teachers of elementary school of public schools, analyzing and proposing appropriate scientific alternatives the teaching of grammar. In this way, the Portuguese Language classes will be guided under a reflexive-analytical perspective, leaving the conventional, in which the teacher passes the contents ready to be used as study, analysis and reflection on language based on the observation of its use. For this analysis and reflection of aspects of language use will cause the student to gradually increase your chances of the same domain. Thus, the teaching of grammar is committed to the development of the communicative competence of the student, the main objective Portuguese Language classes. It is emphasized that for achieve the proposed objectives, several seminars with active studies in state public network schools, wherein, first, was analyzed the courseware available for teaching grammar teachers were conducted. After this step, we elaborated a didactic-methodological proposal to teaching grammar. This proposal was subsequently published in the Notebook Theme "Writing and Grammar: a new pedagogical doing" and made available to teachers of Portuguese language in public schools Erechim/RS and the region.

Keywords: Teaching grammar. Analysis. Reflection.

¹ Graduando do VI semestre do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – xandyleidens@hotmail.com

² Mestre em Língua Portuguesa – professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – mescka@uricer.br

Introdução

O professor de Língua Portuguesa tem um importante papel na educação contemporânea: desenvolver a competência comunicativa do estudante. Essa é, sem dúvida, a maior tarefa do ensino de Língua na escola. Sendo assim, muitos autores estudam esse tema, Travaglia (2011) defende que o desenvolvimento da competência comunicativa possibilita ao falante utilizar cada vez um maior número de recursos da língua de forma adequada a cada situação de interação comunicativa. O mesmo autor (2011) afirma que se a gramática for entendida como um conjunto de conhecimentos linguísticos que o usuário tem internalizados para uso em situações concretas de interação comunicativa, a gramática estará ligada à qualidade de vida, pois quanto maior forem os recursos dominados pelo falante, melhor será o seu desempenho linguístico. Um falante com essas capacidades bem desenvolvidas poderá ter uma qualidade de vida maior, pelo fato de conseguir se colocar como sujeito nas relações sociais e utilizar a língua na consecução de seus objetivos. Dessa forma Travaglia (2011) conclui: "Um ensino de gramática pertinente para a vida e capaz de ter influência na qualidade de vida das pessoas (...) será um ensino de gramática que desenvolva a competência comunicativa do falante". Enfim, é fundamental que o mesmo seja organizado visando à habilidade comunicativa do aluno.

No entanto, as competências acima referidas não estão sendo desenvolvidas pela escola. Indicadores de qualidade e desempenho escolar, assim como pesquisas educacionais comprovam que as crianças e jovens brasileiros estão saindo da escola sem desenvolver o mínimo esperado quanto à leitura e à escrita.

A pesquisa intitulada "O ensino de Gramática: uma radiografia" desenvolvida com professores de Língua Portuguesa, que atuam no Ensino Fundamental em escolas públicas estaduais de Erechim/RS e região do Alto Uruguai gaúcho, mostrou que a maior parte do tempo destinado à Língua Portuguesa em sala de aula é preenchida com o ensino de gramática, prevalecendo o ensino normativo e prescritivo. Assim, sobressaem aspectos morfológicos e sintáticos, de tal forma que as nomenclaturas e classificações seguem sustentando a predominância do ensino tradicional na escola.

As convicções da grande maioria dos professores participantes da pesquisa (91%) são de que ensinando gramática estarão ensinando os alunos a ler, escrever e falar melhor. Há, ainda, explícito nos resultados, uma grande preocupação com a ortografia e identificação de termos gramaticais. Isso comprova a existência da crença de que o ensino de regras gramaticais tornará possíveis, sozinho, o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e fala (MESCKA; ROCHA, 2011).

A importância de estabelecer-se uma parceria entre os professores do Curso de Letras da URI - Erechim e a comunidade escolar, bem como a necessidade de integrar os resultados da pesquisa de iniciação científica com a prática extensionista, justificam o projeto de extensão “O ensino de Gramática: muito além do conceito”, que objetiva principalmente, trabalhar com professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental da rede pública, analisando e propondo alternativas científicas adequadas ao ensino de gramática.

Outrossim, o projeto de extensão se propôs a analisar o material didático disponível para o ensino de gramática, focalizando: o que ensinar, para que ensinar, para quem ensinar e como ensinar; elaborar propostas metodológicas contextualizando-as através dos gêneros textuais apropriado ao ensino fundamental, com base na gramática reflexiva; e, publicar, por recursos virtuais, as alternativas didático-metodológicas elaboradas durante o projeto.

Fundamentos Teóricos

Inegavelmente, o trabalho com a gramática, objeto de ensino de Língua Portuguesa, na maioria das escolas brasileiras, tem sido um assunto de grande polêmica e tem dividido opiniões, sobretudo de professores, quanto à importância do seu ensino para a formação de leitores produtores de textos.

Sabe-se que, hoje, o principal objetivo do ensino de língua materna é o desenvolvimento da capacidade de comunicação, tanto oral como escrita, de uma língua que o usuário domina. No entanto, o que se vê nas escolas, mais frequentemente, é que a maior parte do tempo disponível para o trabalho com a língua tem sido destinada a atividades que

envolvem a memorização de regras e conceitos dos conteúdos da gramática normativa, e apenas uma pequena parcela desse tempo é voltada para o trabalho com a leitura e a produção de textos (LEDUR, 1996). Ano após ano, a escola tem se preocupado em ensinar a forma “correta” de falar e escrever, por meio de regras e exemplos tidos como bons para serem imitados, sem levar em conta as dificuldades dos sujeitos envolvidos no processo nem o uso efetivo da língua numa situação de interação verbal.

O resultado disso são aulas enfadonhas, alunos que não aprendem a elaborar textos nem assimilam a gramática, além do fracasso, tanto na escola como na vida. Dizem, na grande maioria das vezes, que não sabem e não gostam de português.

Trabalhar com Língua Portuguesa é muito mais do que relacionar o que é certo e o que é errado: é compreender seu funcionamento hoje, e no passado, em um processo dinâmico de capacitação dos alunos para a leitura e para a produção de textos orais e escritos dos mais variados gêneros.

Sírio Possenti corrobora:

Saber falar significa saber uma língua. Saber uma língua significa saber uma gramática. (...) Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. Mais profundo do que esse conhecimento é o conhecimento (intuitivo ou inconsciente) necessário para falar efetivamente a língua (POSSENTI, 1996).

A gramática é necessária para que haja comunicação. Mesmo que o falante a ignore, ele usa a sua competência linguística internalizada para dar sentido ao que fala, ou escreve. Segundo Luís Carlos Travaglia (2009) a gramática internalizada é a que constitui não só a competência gramatical do usuário, mas, também, sua competência textual e sua competência discursiva e, portanto, a que possibilita sua competência comunicativa.

Cientes disso, os professores entenderão a ligação entre o ensino de gramática e o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Por isso, há uma preocupação em

se fazer um ensino de Língua pertinente para falantes nativos. Caso contrário, o ensino se desvirtua da língua usual, e, por consequência, fica sem significado algum para o aluno.

Não há razão para o estudante continuar decorando regras de gramática, repletas de exceções, sem entender o que está estudando. Dessa forma, ele passa horas memorizando definições feitas previamente, sem pensar nelas enquanto língua, sem haver questionamento, análise e posicionamento quanto ao conteúdo. Consequentemente

tudo se mistura numa imensa confusão, agravada pelas pressões sociais em torno do ideal de um falar correto, supostamente mais perfeito e prova de superioridade intelectual e cognitiva. E o resultado é que, quando se sai da escola, se sai muito mais confuso, com uma visão de língua deturpada, reduzida e falseada, terreno muito propício à gestação de preconceitos e de simplismos incabíveis (ANTUNES, 2007).

Portanto, é urgente uma reforma no ensino de gramática, para que se possa ver na língua mais elementos do que apenas erros e acertos de terminologia.

Em razão da realidade escolar acima relatada, o ensino de gramática em uma concepção analítico-reflexiva ganha força. A gramática reflexiva é uma gramática em explicitação, surge da reflexão baseada no conhecimento intuitivo dos mecanismos da língua e usada para o domínio consciente de uma língua que o aluno já domina ou não, conscientemente (TRAVAGLIA, 2009).

O trabalho com a gramática em uma perspectiva analítico-reflexiva se abstém das aulas expositivas, em que se passa a teoria gramatical pronta ao aluno. Pelo contrário, elaboram-se atividades que, de certo modo, levam os alunos a redescobrir elementos já postos por linguistas, de tal sorte que se faz uma reflexão norteada à explicitação de fatos da língua.

Desse modo, a aula de gramática deixa de ser uma afirmação da autoridade do professor, para se tornar um laboratório de estudos em que os alunos constroem o conhecimento com o auxílio docente. A partir de práticas de observação e reflexão, o indivíduo perceberá a constituição e o funcionamento da língua. Por conseguinte, o mesmo,

agregando possibilidades à sua competência comunicativa, será capaz de produzir textos com os efeitos de sentido que desejar.

Além disso, o ensino de gramática em uma perspectiva analítico-reflexiva desenvolverá o raciocínio lógico-científico do aluno. A partir da análise, reflexão e avaliação de possibilidades da língua, ele será desafiado a dar respostas e a pensar de maneira coerente. Vieira destaca:

A partir dos objetivos centrais do ensino de Língua Portuguesa, deve-se promover o raciocínio lógico-científico do aluno, com base em atividades reflexivas, para que ele desenvolva o conhecimento (...) de modo a fazer opções linguísticas conscientes na produção de textos orais e escritos (VIEIRA, 2013, p 101).

Dessa forma, o ensino de gramática estará atrelado a todas as outras competências – não só linguísticas – a serem desenvolvidas pelos alunos. Se configura, então, uma interdisciplinaridade, na qual é passível a afirmação de que

O objetivo de desenvolver o raciocínio, a capacidade de pensar, de ensinar a fazer ciência é um objetivo educacional mais amplo e não especificamente do ensino de língua materna. Para atender este objetivo, o professor deverá buscar desenvolver no aluno a habilidade de, diante de fatos e fenômenos do mundo (natural ou social) ser capaz de observar, formular hipóteses e buscar sua comprovação ou falsificação (TRAVAGLIA, 2011, p 102).

Assim, as aulas de gramática terão um teor de pesquisa. Os alunos, por sua vez, desenvolverão a sua capacidade de raciocinar, pensar e sua independência intelectual. É interessante perceber que, de certa forma, os alunos poderão aprender sozinhos, tendo a possibilidade de concordar com o conhecimento já existente, criticá-lo e criar um conhecimento inédito. O estudante perceberá que as normas sociais de uso da língua são escolhas baseadas em muitos fatores, por vezes não linguísticos.

Pode-se dizer, também, que a gramática passa a ser trabalhada sob uma perspectiva de ação-reflexão-ação. O aluno atua naturalmente, em princípio, como usuário da língua. Por meio das aulas de Língua Portuguesa, ancoradas na gramática reflexiva, é levado à observação, análise e reflexão sobre a língua, e, em virtude disso, aumenta o seu repertório linguístico. Assim, eleva sua competência comunicativa, que o fará ter mais subsídios ao utilizar a língua em situações de comunicação oral e/ou escrita. Afinal, segundo Castilho (2012) o ensino da língua é muito mais uma reflexão sobre ela do que outra coisa.

De fato, o ensino de gramática analítico-reflexiva é uma inversão da ordem tradicional de ensino. Nesse sentido inicia-se com a formulação de perguntas, para que juntos, professor e aluno, cheguem às respostas. Embora o professor seja o condutor da atividade, anda junto com seus alunos neste circuito de descobertas.

Reiterando, “o tratamento da língua materna tem esse objetivo maior entre seus falantes: provocar a indagação, desenvolver o espírito crítico que se espera de cidadãos de uma democracia” (CASTILHO; ELIAS, 2012, p 14).

Material e Métodos

Na fase inicial do projeto, o bolsista realizou leituras e fichamentos de obras¹ que abordam as concepções do ensino de gramática, buscando um tratamento científico das atividades de linguagem, oferecendo reflexões sobre a língua portuguesa na escola e, sobretudo, apresentando sugestões de práticas docentes.

Fez-se contato com a 15ª Coordenadoria Regional da Educação – CRE, além de direções de escolas públicas de Erechim e região. Este contato visou à sondagem quanto ao interesse e participação dos professores no projeto de extensão, e o convite para um seminário de socialização das propostas do projeto.

Então, após a apresentação das propostas, foi estabelecido um cronograma de encontros que serviram, primeiramente, como seminários de estudos sobre o ensino de gramática. Enfatiza-se que o trabalho desenvolvido com os professores parceiros deste projeto

¹. Dentre os fichamentos encontram-se obras como Muito além da Gramática, Análise de textos e Lutar com palavras de Irandé Antunes; Por que (não) ensinar Gramática na escola, de Sírio Possenti; Ensino de Gramática de Silvia Rodrigues Vieira; Nova gramática do português brasileiro, de Ataliba T. de Castilho; Gramática e interação e Gramática: ensino plural de Luiz Carlos Travaglia e Dramática da Língua Portuguesa de Marcos Bagno, entre outros.

de extensão baseou-se em um movimento metodológico orientado da observação para a análise, reflexão, levantamento de regularidades, registro, sistematização do conhecimento e uso deste em novas situações comunicativas.

Mais especificamente, pode-se dizer que as atividades foram planejadas e desenvolvidas considerando-se o seguinte processo:

- a) estudo da concepção teórica adotada no projeto de extensão;
- b) seleção do texto-tema que apresente ocorrências linguísticas a serem estudadas;
- c) construção de um “corpus” representativo do aspecto a ser observado (no mínimo 5 ocorrências), a partir das quais se possa realizar uma análise do fato linguístico priorizado, observando possíveis singularidades;
- d) análise do “corpus” (enunciados), promovendo o agrupamento dos dados, a partir dos critérios construídos para apontar as regularidades;
- e) organização e registro das conclusões a que os professores (alunos) tenham chegado;
- f) apresentação da metalinguagem e correlação conceitual;
- g) exercícios de aprofundamento e generalização sobre os conteúdos estudados.

Resultados

O projeto de extensão “O Ensino de Gramática: muito além do conceito” é uma ação decorrente da pesquisa “O Ensino de Gramática: uma radiografia”, em que ficou clara a necessidade de haver uma mudança na metodologia do ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Dessa forma, com os problemas descritos previamente, o projeto se preocupou em analisar, dar respostas e elaborar o material didático-metodológico, para a supressão das lacunas deixadas pelo ensino tradicional, dominante nas escolas.

Para embasar teoricamente o projeto, foi preciso iniciar estudando e debatendo vários aspectos sobre o ensino de gramática. Em decorrência destes estudos, foi possível caracterizar uma série de equívocos tanto quanto às concepções de gramática, como quanto ao seu ensino. Estes equívocos são muito similares aos equívocos relatados por Irlandé Antunes no livro “Muito além da Gramática” (2007).

- 1-Língua e gramática são a mesma coisa;
- 2-Basta saber gramática para falar, ler e escrever com sucesso;
- 3-Explorar nomenclaturas e classificações é estudar gramática;
- 4-A norma prestigiada é a única linguisticamente válida;
- 5-Toda atuação verbal tem que se pautar pela norma prestigiada;
- 6-O respaldo para a aceitação de um novo padrão gramatical está prioritariamente nos manuais de gramáticas.

Estes aspectos, inevitavelmente ligados ao ensino tradicional de gramática, são muito comuns. No entanto, não levam a percepção de que toda a prática linguística é fundamentada em reflexão, pois o uso da língua exige sempre a utilização de regras e princípios de seleção, recursos da língua que sejam mais adequados para a produção dos efeitos de sentidos que se deseja em determinada situação concreta de interação.

Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa que for baseado apenas nos aspectos acima elencados inutiliza o ensino de gramática, tornando-o reducionista. Pois, na hora de entender ou de escrever um texto mais complexo, ‘o saber gramática’ se mostra, irremediavelmente, insuficiente (ANTUNES, 2007).

Assim, por meio de debate, tendo em vista as difundidas concepções de gramática mencionadas acima, ficaram definidos alguns princípios norteadores para o projeto. Dentre eles, destacam-se:

- A escola deve ensinar a língua padrão: é basilar que o ensino de Língua Portuguesa objetive ensinar esta variedade linguística, pois o domínio da modalidade culta da língua abre portas ao aluno, o favorece, inclusive socialmente.
- O professor deve ter uma clara noção do que seja uma língua e do que seja uma criança, e como se dá seu aprendizado: somente assim ele saberá a quem dá aulas, e para que ministra essas aulas. Adicionando subsídios ao seu fazer pedagógico.
- Não há línguas fáceis ou difíceis: o professor deve ter em mente que, hoje em dia, com os avanços da Antropologia e da Etnolinguística, não há mais nexos em defender a existência de línguas mais fáceis do que outras. Sabe-se que todas as línguas têm estruturas complexas, que variam por fatores internos e externos, e que todas as línguas servem perfeitamente para as culturas das quais provém. É interessante notar que a cultura e a linguagem se entrelaçam, uma produzindo a outra.
- Quem fala, sabe falar: aspecto simplório, mas de abordagem necessária. Todas as pessoas que falam sabem falar, independentemente de questões socioeconômicas ou quaisquer outros tipos de segregação. Se há a comunicação, a pessoa domina uma gramática, seja qual for sua variedade.
- Línguas uniformes não existem: a língua varia de acordo com fatores internos e externos, principalmente quanto à distinção de classes sociais. Nenhum ser humano fala de maneira idêntica a outro. Desse modo, a possibilidade de todos os indivíduos falantes do português o fazerem da mesma forma não existe.
- A língua não é imutável: ela se modifica com o tempo, naturalmente. Dessa forma, não faz sentido a única referência de gramáticas e aulas de gramática ser a literatura clássica.
- Práticas constantes são mais eficazes do que exercícios: a melhor forma para que o aluno entenda e pense sobre a língua é na observação de suas práticas. A mera análise sintática, deveras descontextualizada, não atribui valor ao ensino de língua. É preferível que se aprenda a língua falando, ouvindo, lendo e escrevendo a estudar sua gramática em uma metodologia tradicional.
- “O que já é sabido não precisa ser ensinado” (POSSENTI, 2000): para que o aluno aumente sua competência comunicativa ele deve conseguir utilizar mais recursos

da língua, que ainda não domina. Para isso, o ensino deve priorizar habilidades que os alunos ainda não desenvolveram.

- Ensina-se língua ou gramática? Saber regras explicitamente não significa saber uma língua, é possível aprender uma língua sem conhecer a gramática da qual é analisada.

Ao longo do projeto de foram debatidos inúmeros temas ligados ao ensino de Gramática. Realizados vários estudos teóricos, de maneira a dar sentido e eficácia a tal ensino. Para isso, foi preciso analisar vários conteúdos, métodos e propostas metodológicas disponíveis ao ensino de Gramática.

Outrossim, partindo da sequência de estudos realizados no projeto, discussões e práticas metodológicas sobre o ensino de gramática, fez-se um Caderno Temático, intitulado “Redação e Gramática: um novo fazer pedagógico”, constando as proposições didático-metodológicas criadas em conjunto, entre bolsista, orientador e professores parceiros. Tais propostas abrangeram vários aspectos, como: estrutura da oração; substantivo (próprio e comum); pronomes (do caso reto, possessivos e demonstrativos); verbo (conceitos, tempo e transitividade); a vírgula no período simples; ortografia, entre outros.

Discussão dos Resultados

Certamente, o ensino de gramática passa por um momento de transição. Há inúmeros esforços para que a escola, bem como a comunidade, veja o ensino de Gramática como algo útil ao estudante, que o fará pensar de modo coerente, desenvolver seu raciocínio lógico-científico, fazer ciência, e aumentar sua capacidade comunicativa.

É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como “mudanças”, são percebidas como erros (ANTUNES, 2007, p 23).

As palavras de Irlandé Antunes denotam que há uma concepção geral de gramática como um órgão normativo da língua, apenas. A escola, em geral e por muito tempo, trabalhou a gramática como algo imutável, onipotente e exata. Assim, a população acreditava que a gramática responderia tudo, e que não havia espaço para mudanças. No entanto, a gramática tem um caráter de grandes conflitos, internos e externos. Esses por fatores históricos que constituem fatos sociais, aqueles saídos da própria natureza dos fatos linguísticos.

A língua não pode ser vista tão superficialmente. É muito mais do que isso, faz parte da cultura e constitui espaço importante no histórico-social em uma sociedade. A língua define, também, o pertencimento a uma sociedade, grupo ou comunidade.

Neves (2010) afirma que o entendimento do professor acerca do que é a gramática da língua delimita o que será estudado em sala de aula. Sob o mesmo ponto de vista, pode-se dizer que a concepção do professor sobre a língua e sobre a gramática influi diretamente nos exercícios propostos e na metodologia do ensino de gramática. Ou seja, há, certamente, ligação entre a compreensão teórica da disciplina e a práxis do professor.

Assim sendo, cabe ao professor, diante do complexo processo pedagógico, ter o hábito de refletir e avaliar seus conceitos fundamentais, seus objetivos, seus procedimentos e seus resultados de maneira a adequar suas aulas à maior meta do ensino de Língua Portuguesa: ampliar as competências linguísticas dos alunos.

Primordialmente é preciso entender que o ensino de línguas não necessita de muitas repetições. Há evidências de que é mais correto, e também mais produtivo para a escola, aceitar que os homens aprendem línguas, sem conceituação alguma. Para este caso, se mostra mais eficaz o ensino baseado em hipóteses constantemente propostas e testadas pelo próprio aprendiz (POSSENTI, 1996).

Outro aspecto importante é de que o desenvolvimento da competência comunicativa pode estar ligado ao ensino de gramática, pois, como afirma Travaglia (2011), um ensino de gramática pertinente para a vida das pessoas será, sem dúvida, um ensino que desenvolva a competência comunicativa do falante, sua capacidade de usar cada vez mais recursos da língua e de forma adequada a cada situação de interação comunicativa.

Sob o mesmo ponto de vista, a concepção analítico-reflexiva do ensino de gramática faz com que as aulas de Língua Portuguesa sejam baseadas na reflexão acerca da língua. O professor sai de seu posto majoritário de único conhecedor para se tornar um investigador da língua que fala, levando seus alunos a investigarem, refletirem e analisarem construções linguísticas. Dessa forma, o ensino de língua torna-se uma investigação científica, em que professor e aluno criam hipóteses, confirmadas ou não, de maneira a construir conceitos linguísticos com base em sua própria reflexão.

Possenti (2000), em concordância, diz que é preciso fazer com que o ensino de português deixe de ser visto como a transmissão de conteúdos prontos, e passe a ser uma tarefa de construção de conhecimentos por parte dos alunos, uma atividade em que o professor deixa de ser a única fonte autorizada de informações, motivações e sanções. Sendo assim, o ensino deve subordinar-se à aprendizagem.

A partir do proposto até aqui, pode-se ilustrar um exemplo de trabalho com a gramática em uma concepção analítico-reflexiva baseada na observação:

Texto 1:

Elas olham por você há anos.
Olhe por elas Agora.
Adote o verde

Texto 2:

Kalu

Kalu, Kalu

Tira *o verde* desses olhos de riba deu

Kalu, Kalu

Não me tente se você já me aconteceu

Com certeza só não tendo coração

Fazer tal judiação

Você ta mangando di eu

Composição: HumbertoTeixeira

1. Nos dois textos, a palavra *verde* atua como *adjetivo* ou *substantivo*?
2. O que define a classe gramatical da palavra *verde* nesses textos?
3. Qual o sentido de *verde* nos textos?

Proposta parcialmente modificada, a partir de Castilho e Elias (2012).

Conclusão

A Universidade não está isolada do mundo, da comunidade da qual faz parte. Assim sendo, é essencial a existência de ligações entre o que é produzido na Universidade e a sociedade, os projetos de extensão têm esta função interativa. Dessa forma, quando a Universidade consegue unir professores da rede pública no afã de empreender ações para o desenvolvimento de alternativas didático-metodológicas enquadradas ao ensino de gramática, ela atinge um de seus objetivos, beneficiar a comunidade e promover o desenvolvimento regional.

Da mesma forma, o curso de Letras não está inerte aos problemas linguísticos da comunidade regional. O projeto de extensão “O Ensino de Gramática: muito além do conceito”, veio ao encontro de algumas dificuldades comuns vividas por professores das escolas públicas no que tange à metodologia do ensino de gramática no ensino fundamental.

Sob o mesmo ponto de vista, a partir do trabalho com o projeto de extensão, o leque de possibilidades na abordagem da gramática cresceu, baseado na análise e reflexão. O ensino que antes era, na grande maioria, centrado na memorização de regras e análise de frases (geralmente descontextualizadas), agora é visto de forma diferente, em uma abordagem que caminha ao encontro das funções da escola.

Por fim, o desenvolvimento pleno do cidadão passa, sem dúvidas, por uma educação de qualidade. A escola, por sua vez, tem o dever de fomentar a ciência, prezando por um ensino em que os estudantes fortaleçam competências e habilidades, principalmente no âmbito de sua comunicação. Somente com uma mudança nas perspectivas e metodologias de ensino de Língua Portuguesa haverá a possibilidade de existir um ensino realmente eficaz e pertinente para a vida do estudante.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. (Série Aula; 1).

_____. **Muito além da Gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Estratégias de ensino; 5).

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa:** tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2012.

BASTOS, Danielle da Mota. LIMA, Hérica Karina Cavalcanti de. SANTOS, Sulanita Bandeira da Cruz. Ensino de classes de palavras: entre a estrutura, o discurso e o texto. In: SILVA, Alexsandro. PESSOA, Ana Cláudia. LIMA, Ana (organizadores). **Ensino de Gramática:** reflexões sobre a língua portuguesa na escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 113-131.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

_____. ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2012.

LEDUR, Paulo F. Gramática em língua portuguesa? **Jornal Contato Editorial**, Porto Alegre, Nº 7, ano 2, maio 1996.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade:** por uma nova concepção da língua materna. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008. 110p. (Fundamentos; 100).

MESCKA. Paulo M; ROCHA Thomas. **O Ensino de Gramática:** uma radiografia. Vivências, 16, Erechim, V. 9, 182-192, 2013.

NEVES. M. H. de Moura. **Gramática na Escola.** 8. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. (Repensando a Língua Portuguesa).

PERINI, Mário A. **Sofrendo a Gramática:** ensaios sobre a linguagem. 3. ed. 2. imp. São Paulo: Ática, 2000.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** 6. reimp. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2000. (Coleção Leituras no Brasil).

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática:** ensino plural. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.